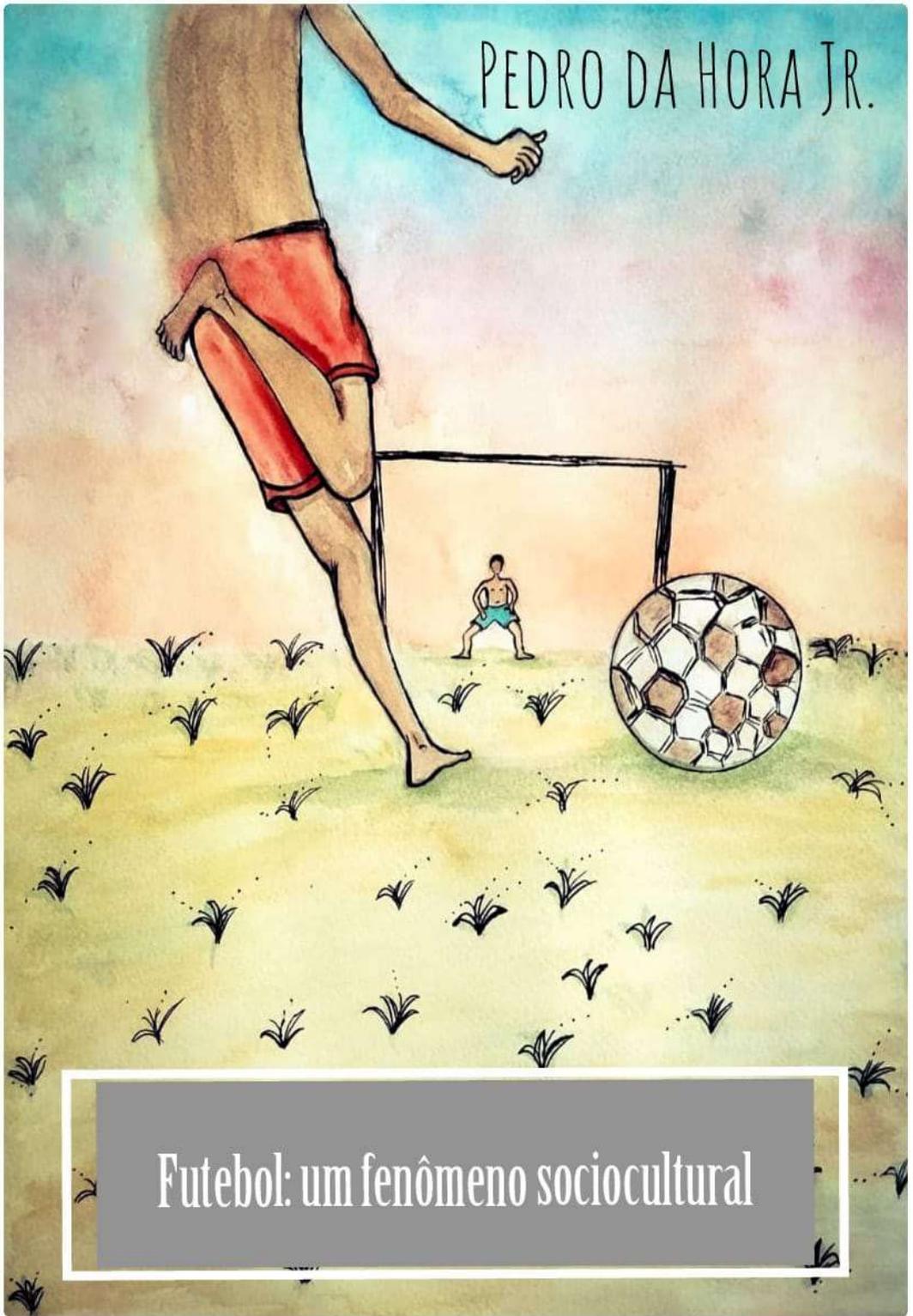


PEDRO DA HORA JR.



Futebol: um fenômeno sociocultural

Pedro da Hora Jr.

**Futebol: um fenômeno
sociocultural**

Créditos

Futebol: um fenômeno sociocultural

Autor

Pedro Fernando de M. da Hora Júnior

Edição

Pedro Fernando de M. da Hora Júnior

Revisão e preparação

Ilka Souza dos Santos

Capa

Ilka Souza dos Santos

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Kleitor Predo, CRB 4/2177, Universidade de Pernambuco Campus Recife.

H811f Hora Júnior, Pedro Fernando de Menezes da.
Futebol: um fenômeno sociocultural. /Pedro Fernando de Menezes da Hora Júnior. – Recife: do autor, 2023.
114 f.: il.

Produto educacional proveniente da Dissertação intitulada Futebol, um fenômeno sociocultural: desafios e possibilidades no Ensino Médio. – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF. No Polo: Escola Superior de Educação Física (ESEF-UPE) e ao núcleo de Educação a Distância da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade de Pernambuco, Campus Santo Amaro, Recife-PE, 2023.

1. Futebol. 2. Fenômeno sociocultural. 3. Esporte. I. Santos, Ilka Souza dos, il. II. Universidade de Pernambuco - Campus Santo Amaro - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF (ESEF-UPE) e ao núcleo de Educação a Distância da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. III. Título.

CDD 796.334

H811f Hora Júnior, Pedro Fernando de Menezes da.
Futebol, um fenômeno sociocultural: desafios e possibilidades no Ensino Médio. /Pedro Fernando de Menezes da Hora Júnior. – Recife: do autor, 2023.
183 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF. No Polo: Escola Superior de Educação Física (ESEF-UPE) e ao núcleo de Educação a Distância da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade de Pernambuco, Campus Santo Amaro, Recife-PE, 2023.

1. Futebol. 2. Fenômeno sociocultural. 3. Esporte. 4. Ensino Médio. I. Rodrigo Falcão Cabral de Oliveira. II. Universidade de Pernambuco - Campus Santo Amaro - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF (ESEF-UPE) e ao núcleo de Educação a Distância da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho.. III. Título.

CDD 796.334

Sumário

Prefácio.....	6
Pré-jogo - Apresentação	11
1. Pontapé Inicial - o Futebol surge pelos pés da burguesia.....	15
2. Contra-ataque – os pobres tomam a bola e partem para a luta	25
3. Invasão de campo – a política entra no jogo e usa o Futebol como instrumento de controle social	32
4. Drible de corpo – Racismo à brasileira no futebol	48
5. Impedimento – as mulheres entram em campo, a contragosto de muitos	62
6. Preleção - O conteúdo Esporte e o Futebol na Educação Física Escolar	70
7. Apito Final – Considerações finais	93
Referências	100
Anexos (planos de aula para sequência didática):.....	107

Prefácio

Esta obra é um produto educacional oriundo da dissertação: *FUTEBOL, UM FENÔMENO SOCIOCULTURAL: desafios e possibilidades no Ensino Médio*. O autor, professor Me. Pedro da Hora Jr., atua na educação pública básica desde 2016.

Ele é graduado em Licenciatura Plena (2009) e especialista em Educação Física Escolar (2016), pela Universidade de Pernambuco (UPE). É mestre em Educação Física pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, pelo polo da Escola Superior de Educação Física – ESEF-UPE. Além de formação em Jornalismo (2015).

O tema do Futebol permeia a vida do autor desde a infância, sendo torcedor do Santa Cruz Futebol Clube e atleta de futebol de botão. Lecionando em escolas públicas,

percebeu uma perspectiva de ensino voltada prioritariamente para os aspectos técnicos, táticos e das regras. Assim, ponderou sobre as oportunidades de debater no espaço de aula o Futebol como um fenômeno sociocultural, sem desvincular temas presentes na sociedade com a cultura corporal.

A obra é um convite a entramos na sala de aula do professor e dos seus estudantes do Ensino Médio. Aqui, o docente terá acesso a uma possibilidade de sistematizar uma unidade didática abordando o Futebol e conectando-o a os subtemas: luta de classes, mundos do trabalho, democracia, gênero e racismo.

Em sete capítulos, é traçado um panorama histórico da modalidade. Cada tema, foi originado a partir de discussões com os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio.

No primeiro capítulo, *Pontapé Inicial - o Futebol surge pelos pés da burguesia*, o leitor terá acesso ao debate sobre o início do Futebol em meio à burguesia inglesa do século XIX; o

desenvolvimento da modalidade no Brasil e na Inglaterra; além de nomes famosos no desenvolvimento deste esporte.

Já no segundo, *Contra-ataque – os pobres tomam a bola e partem para a luta*, o autor aborda como o Futebol passou a ser um lazer para pessoas mais pobres e o seu aumento de popularidade. Bem como, o impacto da luta entre as classes sociais foi preponderante no desenvolvimento do Futebol.

O terceiro capítulo, *Invasão de campo – a política entra no jogo e usa o Futebol como instrumento de controle social*, desenvolve como os detentores dos poderes financeiro e político buscaram se apropriar do Futebol e usá-lo para controle da população. Outro elemento abordado é o impacto do posicionamento político de atletas e clubes.

No quarto, *Drible de corpo – Racismo à brasileira no Futebol*, é discutida a proibição de negros jogarem Futebol e a importância do Vasco da Gama de 1923 na luta contra o

racismo. No texto, também são abordados: o racismo estrutural no Futebol brasileiro e o caso de jogadores como Barbosa e Dida.

No quinto, denominado: *Impedimento – as mulheres entram em campo, a contragosto de muitos*, o autor versa sobre a proibição da prática de Futebol para mulheres entre 1941 e 1979. A comparação entre o salário de homens e mulheres no Futebol e o menor número de oportunidades em posições de poder. Por fim, o machismo, gênero e agressões no âmbito esportivo compõem o texto.

No sexto, *Preleção - O conteúdo Esporte e o Futebol na Educação Física Escolar*, o autor apresenta a sistematização proposta em seu estudo de mestrado, que procurou abordar o Futebol na escola sob uma ótica de fenômeno sociocultural. O texto tem como elementos centrais: oposição à ideia de tratar o Esporte apenas como um reproduzidor de movimentos; relacionar as atividades práticas com os temas discutidos; e, a partir da

abordagem Crítico-Superadora, possibilitar aos discentes criticar o Esporte dentro de um contexto que envolva aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

No último capítulo, *Apito Final – Considerações finais*, o professor-pesquisador traz o resgate da importância do Futebol para o Brasil; reforça a possibilidade de adaptar a modalidade a diversos tipos de espaço; e traz a importância de ensinar Futebol no contexto escolar indo além dos gestos técnicos, impactando na formação dos estudantes.

Portanto, através deste material, o leitor terá acesso a um rico acervo de textos e aulas que auxiliam no trato pedagógico do Futebol na escola. Também fica o convite para a leitura da dissertação que originou este produto educacional e conta com o relato e análise das aulas.

Recife/PE, outubro de 2023.

Rodrigo de Oliveira.

Pré-jogo - Apresentação

Algumas pessoas acreditam que futebol é questão de vida ou morte. Fico muito decepcionado com essa atitude. Eu posso assegurar que futebol é muito, muito mais importante (Bill Shankly¹).

¹ Técnico escocês com passagem destacada pelo Liverpool, da Inglaterra (1913-1981).

O Futebol como um fenômeno sociocultural necessita ser contextualizado através de conceitos e fatos. Este livreto foi forjado a partir de pesquisa bibliográfica para dissertação de mestrado intitulada *FUTEBOL, UM FENÔMENO SOCIOCULTURAL: desafios e possibilidades no Ensino Médio*, fruto de uma pesquisa realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino de Pernambuco. Através do que está posto nestes escritos, busca-se situar a maneira como é realizada uma interpretação da modalidade em questão, cuja versão moderna foi idealizada na Inglaterra e reverbera paixões e desperta fanatismo entre os brasileiros.

Desta forma, é necessário salientar o importante papel social exercido pelo fenômeno Esporte. De maneira que o Coletivo de Autores (2012, p. 69-70) afirma: “o esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve

códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”.

Assim, se faz necessário pensar o fenômeno esportivo como um fato social total, baseando-se nos escritos de Mauss (2008). O autor descreve a existência de um conjunto imenso de fatos, com uma significativa complexidade, em que estariam inseridas diversas instituições, como: religiosas, jurídicas, morais, econômicas, estéticas e morfológicas. Dessa forma, todas estariam presentes na maneira de pensar o Futebol como um fenômeno sociocultural, já que a modalidade se relaciona com todas as entidades descritas.

Com isso, esta obra, que é baseada na pesquisa supracitada, busca ser um produto educacional voltado para consulta de docentes que desejam abordar o Futebol como um fenômeno sociocultural, em espaço de aula. Ou para leitores interessados no tema, buscando leituras sobre fatos históricos relevantes para o

entendimento deste esporte e da relação entre ele e a sociedade.

1. Pontapé Inicial - o Futebol surge pelos pés da burguesia

Os futuros chefes da sociedade aprendiam a vencer jogando o futebol nos pátios dos colégios e das universidades. Ali, os rebentos da classe alta desafogavam seus ardores juvenis, aprimoravam sua disciplina, temperavam sua coragem e afiavam sua astúcia. No outro extremo da escala social, os proletários não precisavam extenuar o corpo, porque para isso havia as fábricas e as oficinas, mas a pátria do capitalismo industrial havia descoberto que o futebol, paixão de massas, dava diversão e consolo aos pobres e os distraía de greves e outros maus pensamentos (Galeano, 2018, p. 33).

O Esporte moderno, originalmente, exercia uma influência significativa na sociedade. Bracht (2011) destaca que o fenômeno esportivo evoluiu de elementos presentes na cultura corporal dos ingleses:

O esporte moderno resultou de um processo de modificação, poderíamos dizer, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também de elementos da cultura corporal do movimento da nobreza inglesa. Esse processo inicia-se em meados do século 18 e se intensifica no final do século 19 e início do 20 (Bracht, 2011, p. 21-22).

Assim, o contexto da invenção do Futebol por si só traz um reflexo da diferença entre as classes sociais à época. A modalidade surgiu em meio à burguesia inglesa do século XIX e a prática foi iniciada no Brasil, de forma oficial, através de pessoas com condições

financeiras privilegiadas, refletindo nos futebolistas daquele tempo: homens brancos e com poder aquisitivo considerável.

Franco Júnior (2007, p. 28) explana, em um apanhado histórico, a sistematização do Futebol moderno em terras britânicas: “Consciente ou inconscientemente, sendo membros das classes mais abastadas e cultas do país, aqueles que regulamentaram o futebol tiveram na política e na cultura da época o modelo inspirador para o novo esporte”. Com isso, é lógico que a forma de jogar era uma representação dos elaboradores das regras.

Entretanto, é possível destacar um contraponto entre o desenvolvimento do Futebol na Inglaterra e no Brasil. No país Europeu, apesar de as regras do jogo continuarem de posse dos endinheirados, o esporte avançava em meio as classes populares. Já em terras tupiniquins, os detentores do poder financeiro também buscavam manter o controle sobre quem podia

praticá-lo, excluindo os mais pobres da possibilidade de participar oficialmente da atividade, mantendo-a em meio à alta sociedade.

Guterman (2009, p. 16-17) descreve como ocorreu o progresso do Futebol na Inglaterra, em seus primeiros anos, e o contexto social do país à época:

[...] O futebol inglês nasceu em meio ao crescimento da massa operária. Era um jogo que trazia para locais públicos toda a raiva das classes baixas do país, atulhadas nas cidades cada vez mais hostis. A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa de ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. Por causa disso, o futebol passou a ser jogado em locais específicos, principalmente nas escolas públicas. Foi a primeira tentativa de uniformizar as regras do jogo, isso por volta de 1850.

Multiplicaram-se os times, que já nasciam com vocação profissional, uma oportunidade rara para os operários e estudantes ganharem algum dinheiro – o futebol inglês era, assim, jogado majoritariamente por gente pobre.

O autor destaca a ocorrência de um paradoxo ao comparar os primórdios do Futebol em solos brasileiros e britânicos. “No Brasil, por outro lado, o pedigree elitista do futebol permeava tudo, inclusive a estrutura do esporte” (Guterman, 2009, p. 17). Com isso, ficando restrito a um pequeno (e rico) grupo.

A narrativa da introdução do Futebol no Brasil acompanha os relatos e documentações produzidas pela parcela abastada da sociedade. A primeira partida de Futebol ou *Football* (termo em inglês como era usado à época), com regras praticamente correspondentes às oficiais, foi disputada em 14 ou 15 de abril de 1895, entre equipes reunindo funcionários da Companhia do Gás

(*The Team of Gaz Company*) e da São Paulo Railway, de acordo com Guterman (2009).

O evento foi promovido por Charles Miller, a quem é atribuída a introdução do Futebol no Brasil.

[...] Enviado à Inglaterra com nove anos para completar seus estudos, Miller retornou em 1894 trazendo em sua bagagem um verdadeiro arsenal litúrgico: dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um livro de regras e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares (Franco Júnior, 2007, p. 60).

Além disso, outros nomes são marcantes para os primórdios do Futebol no país. É o caso de Oscar Cox que retornou ao Rio de Janeiro em 1897, após uma temporada de estudos na Suíça, e teve papel destacado no desenvolvimento deste esporte na, então, Capital Federal. Pereira (2000, p. 22) reforça a estirpe elitista na difusão do esporte no Brasil:

Muller e Cox. Ambos jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil; ambos filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem, trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. Mais que mera coincidência, a semelhança em suas trajetórias indica a lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o futebol – que afirma ser ele um esporte que “nasce e se desenvolve entre a elite”.

Entretanto, há relatos de que o Futebol já era praticado no país, em condições precárias, décadas antes.

Em 1864, ou seja, 30 anos antes de Charles Miller regressar ao Brasil com o futebol na bagagem, marinheiros estrangeiros, sobretudo ingleses, foram vistos disputando peladas nos capinzais desertos do litoral brasileiro. Há ainda registros de jogos nas mesmas condições entre 1874 e 1878.

A praia da Glória no Rio, e um descampado em frente à residência da princesa Isabel são citados como locais desses prélios, dos quais participavam funcionários de firmas inglesas de navegação, de cabos submarinos, bancos, docas e ferrovias, como *The Leopoldina Railway Company* (Guterman, 2009, p. 18).

A propósito, ao falar de uma prática mais organizada do Futebol, é necessário salientar também o papel do Bangu Atlético Clube (fundado como *Bangu Athletic Club*, em inglês), do Rio de Janeiro.

[...] o Bangu, como outros clubes da cidade, teve também nos estrangeiros seus precursores. Chegados à cidade ainda em fins do século XIX para trabalhar para Companhia Progresso Industrial, que administraria a fábrica de tecidos fundada no bairro em 1892, um grupo de técnicos ingleses logo começou ali a prática do novo esporte. A princípio a direção da fábrica não parecia muito disposta a apoiar a iniciativa de seus empregados, que desejavam fundar um clube

nos moldes daqueles que conheciam em seu país de origem; a imagem fidalga que clubes como o Fluminense iam construindo para o jogo parece, porém, ter mudado sua opinião. Foi assim que, no dia 17 de abril de 1904, reuniam-se em uma casa emprestada pela companhia nove rapazes para fundar o *Bangu Athletic Club* (Pereira, 2000, p. 32).

Com isso, a equipe, surgida nos seios da classe trabalhadora, seria fruto de um pioneirismo do Futebol no Brasil. O início teria acontecido através do escocês Thomas Donohoe, provavelmente com participação de ingleses. Seria ele o responsável por promover as primeiras partidas do esporte, ainda em 1894 – ano anterior ao jogo organizado por Charles Miller. Porém, apesar de existir uma estátua de Donohoe no local em que teria ocorrido a primeira partida de Futebol do Brasil, na entrada do shopping onde antigamente funcionava a Companhia Progresso Industrial,

infelizmente não há confirmações oficiais destes relatos².

² BANGU, a maternidade do futebol brasileiro. **UOL**, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/enm/2022/12/24/bangu-a-maternidade-do-futebol-brasileiro.html>. Acesso em: 05/2023.

2. Contra-ataque – os pobres tomam a bola e partem para a luta

Por que você não pode vencer um clube mais rico? Nunca vi um saco de dinheiro marcar um gol (Johan Cruyff³).

³ Jogador, técnico e dirigente holandês. Capitão da seleção holandesa que encantou o mundo em 1974 (1947-2016).

A prática do Futebol no Brasil, inicialmente, ainda continuou restrito a poucos. Esta realidade passa por um processo de transformação quando o Futebol vai se popularizando e ganhando contornos e características brasileiras. O Coletivo de Autores (2012) descreve que a prática ganhou mais espaço quando começou a ser um lazer também de outras camadas da sociedade, sendo jogado em lugares de movimentos do povo, como as várzeas e os morros.

Ao tratar sobre o tema, Santos (1981, p. 15) exemplifica as dificuldades encontradas pela camada da população menos favorecida financeiramente para adentrar no mundo do Futebol, como jogador ou espectador:

Os pobres – os que não tinham dinheiro para a bola, os uniformes e os ingressos – espiavam por cima do muro. Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saudarem a torcida, nunca se

dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquivancada, *bouquet* de moças e rapazes de boa família.

Por sua vez, a distinção entre as classes sociais no modelo de organização capitalista é inegável, visto que “são formadas por um conjunto de pessoas que se distinguem pelos traços específicos de sua cultura e de sua situação econômica” (Mendieta y Nunez, s.d., *apud* Pansani, 2011, p. 17). No Futebol, principalmente no Brasil, não é diferente. Pois, ele é uma reprodução da sociedade local. Assim, os privilégios são todos para quem se encontra no topo da pirâmide financeira, relegando, aos mais pobres, as sobras.

Desta forma, a luta entre as classes sociais, que é um “esforço competitivo de uma classe para conseguir uma posição mais favorável ou condição de maior bem-estar na comunidade, com respeito aos direitos, privilégios e oportunidades de seus membros” (Pansani, 2011, p. 69), é o fio condutor de

diversos outros temas pertinentes ao Futebol como um fenômeno sociocultural.

Assim, para adentrar em um mundo exclusivo para brancos ricos, foi preciso que, gradativamente, barreiras fossem sendo derrubadas. E, até o momento, nem todas foram postas abaixo. Giulianotti (2010) coloca a classe social como algo preponderante ao desenvolvimento do Futebol. O autor traz este ponto de vista em alguns momentos dos seus estudos:

[...] mencionei constantemente que a classe social é um tema importante no desenvolvimento histórico e estrutural do futebol. De modo geral, o caráter moderno e urbano do futebol revela que seu significado social foi altamente influenciado pelos processos de construção de uma nação, pela industrialização e pela criação de uma grande força trabalhista (Giulianotti, 2010, p. 189).

Ao atrair um maior número de interessados, os mais pobres também começaram a desejar participar do Futebol e aos poucos foram galgando espaço. Com isso, o reflexo de uma relevância maior dos trabalhadores na sociedade também se desenha na vida dos atletas, que passam a ver no esporte uma excelente oportunidade. Porém, a profissionalização dos jogadores no Brasil ocorre em 1933, um pouco tardia se comparada aos vizinhos Argentina (1931) e Uruguai (1932).

A primeira medida concreta nesse sentido, no mundo do futebol, foi a intervenção na legislação esportiva, que até 1933 ainda determinava que o futebol era coisa para amadores. Assim, os jogadores de futebol tornavam-se trabalhadores, o que abriu uma nova era para esse esporte no Brasil e deu às classes pobres uma nova e imensa possibilidade de ascensão (Guterman, 2009, p. 80).

Ainda assim, o caminho para o Futebol se tornar profissional no Brasil foi árduo. Não remunerar a presença nas competições era uma segurança para mantê-lo sob a tutela dos mais ricos, já que dificultava a participação de futebolistas com necessidades de trabalhar pelo sustento. Contudo, a legalização do Futebol como profissão tornou-se realidade e possibilitou um novo modelo da prática do esporte.

Bracht (2011, p. 108) trata sobre a posição contrária dos mais abastados financeiramente na sociedade em relação à profissionalização do esporte e, conseqüentemente, do Futebol:

Na base da questão do profissionalismo/amadorismo está presente o conflito social básico da sociedade capitalista: capital x trabalho. As classes dominantes (burguesia e aristocracia) fizeram da apologia ao amadorismo uma estratégia de distinção social; nele, no amadorismo, estava presente

o *ethos* aristocrático - atividade realizada pelo simples prazer de realizá-la, sem fins úteis, desinteressada, a arte pela arte. As organizações esportivas passam a se diferenciar com base nesse critério: ligas amadoras; ligas profissionais.

Assim, a profissionalização dos atletas foi um momento de ruptura na história do futebol brasileiro. Através dessa mudança, jogadores de origem mais humilde puderam se dedicar apenas àquela ocupação (de forma legal).

3. Invasão de campo – a política entra no jogo e usa o Futebol como instrumento de controle social

Quando eu era jogador, minhas pernas amplificavam minha voz. Se as pessoas não tiverem o poder de dizer as coisas, eu vou dizer por elas (Sócrates⁴).

⁴ Capitão da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982. Um dos líderes da Democracia Corinthiana.

Com um apelo popular crescente, o Futebol passa também a ser utilizado como instrumento de controle das massas. Os detentores dos poderes financeiro e político buscam conseguir vantagens através do sucesso no esporte. E, assim, de acordo com Giulianotti (2010, p. 32), a modalidade é vista como um instrumento de distração para mobilizações do povo, já que “[...] sua popularidade parece ser eternamente admirada para ser explorada politicamente pelo poder como uma salvaguarda contra revoltas de baixo”.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano, ao opinar sobre o tema, corrobora com esta perspectiva:

[...] muitos intelectuais de esquerda desqualificam o futebol porque castra as massas e desvia sua energia revolucionária. Pão e circo, circo sem pão: hipnotizados pela bola, que exerce uma perversa fascinação, os operários atrofiam sua

consciência e se deixam levar como um rebanho por seus inimigos de classe (2018, p. 41).

De fato, várias passagens históricas, no Brasil e no mundo, comprovam as afirmações supracitadas. Globalmente, é possível destacar ações de tiranos que utilizaram o Futebol como forma de fortalecer projetos de poder. Exemplos foram vistos na Itália e na Alemanha, durante os governos fascista e nazista, respectivamente.

Desde 1922, momento em que Mussolini chegou ao poder, os fascistas aproveitaram-se de toda força que o espetáculo esportivo podia vir a representar em uma sociedade de massas, conferindo inúmeras possibilidades de ritualização da fidelidade nacional e da legitimação da ordem vigente (Agostino, 2002, p. 56).

E não era apenas no controle da própria população que Mussolini e Hitler focavam,

sendo, para eles, a política externa uma preocupação latente:

Além da projeção interna que o esporte propiciava, o governo nazista utilizou, desde o primeiro momento, prática esportiva como fator de aproximação internacional, procurando quebrar o isolamento cultural que alguns países haviam imposto ao país (Agostino, 2002, p. 67).

Na América do Sul, o processo foi similar. Ditadores de países da região também usaram o Futebol como forma de promoção dos regimes governamentais. No Brasil, Getúlio Vargas buscava se aproximar da prática esportiva, assim como presidentes eleitos que vieram posteriormente, como: Juscelino Kubitschek e João Goulart. Entretanto, foi durante a ditadura Civil-Militar, iniciada em 1964, que o país se consolidou como potência futebolística ao vencer pela terceira vez a Copa do Mundo. Logicamente,

os militares tiraram proveito do sucesso em campo.

Em trecho da obra *Futebol ao sol e à sombra*, Galeano faz um apanhado sobre como ditadores do cone sul se beneficiaram do sucesso esportivo das seleções e clubes locais:

Em pleno carnaval da vitória de 70, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, pousou para fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmaras (SIC). A marcha composta para a seleção, *Pra frente Brasil*, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: *Ninguém segura o Brasil*. Quando a Argentina ganhou o mundial de 78, o general Videla utilizou, com idênticos propósitos, a imagem de Kempes irresistível como um furacão.

O futebol é a pátria, o poder é o futebol: *Eu sou a pátria*,

diziam essas ditaduras militares.

Enquanto isso, o general Pinochet, manda-chuva do Chile, fez-se presidente do Colo-Colo, time mais popular do país, e o general García Mesa, que havia se apoderado da Bolívia, fez-se presidente do Wilstermann, um time com torcida numerosa e fervorosa. O futebol é o povo, o poder é o futebol; *Eu sou o povo*, diziam essa ditaduras militares (Galeano, 2018, p. 136-137).

Recentemente, Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil (2019-2022), tentou adotar estratégia semelhante. Após a Copa América ficar sem sede, o representante da extrema-direita abriu as portas do país para realização da competição, em meio à terceira onda de Covid-19 no território brasileiro. A manobra buscou desviar o foco das atenções da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia e da crise no governo. José Paulo Florenzano, antropólogo do esporte e professor da PUC-SP, em declaração para matéria do

site do *El País*⁵, compara o posicionamento com ações promovidas durante a ditadura Civil-Militar, no Brasil:

Eu concordo que Bolsonaro quis usar a Copa América como uma cortina de fumaça. Com essa atitude, ele reedita a estratégia do Governo militar de considerar o futebol o “ópio do povo”. Mas é um delírio achar que o esporte tem esse poder mágico de anestesiá-la sociedade da forma que o Governo pensa.

Realizando, assim, mais um ato negacionista entre tantos outros relacionados à pandemia. A utilização do esporte para passar uma falsa impressão não é novidade, rememorando uma prática utilizada durante a Segunda Guerra Mundial, conforme relata Agostino (2002, p. 85-86):

⁵ MAGRI, D. Copa América envergonhada: ofuscada pela Covid-19, jogos encolhem ainda mais com escândalos políticos. *El País*, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/copa-america-futebol/2021-07-02/copa-america-envergonhada-ofuscada-pela-covid-19-jogos-encolhem-ainda-mais-com-escandalos-politicos.html>. Acesso em: 05/2023.

Para Goebbels, ministro da propaganda do Terceiro Reich, o futebol tinha o poder de mobilizar as paixões populares. Assim, os clubes de futebol continuaram entrando em campo da Alemanha durante quase toda a guerra, procurando não só manter a força catalisadora do esporte, como também passar à nação a sensação de normalidade.

Dessa feita, é possível debater a busca pelo poder, pelo sucesso de um projeto. Para Bracht (2011), a forma hegemônica da cultura corporal do movimento é o esporte, sendo ele, dentre as formas da cultura corporal, o mais propício a se enquadrar na busca pelo atual protagonismo.

Para reforçar essa hipótese podemos, entre outros argumentos, apontar para a tendência à esportivização da cultura corporal de movimento. Outras razões seriam, por exemplo, a possibilidade de sua comercialização, seu caráter de espetáculo que acentua sua afinidade com os

meios de comunicação de massa, etc. (Bracht, 2011, p. 73).

Dessa forma, não é difícil identificar o uso do esporte em meio à política, como forma de controle social. Quem está no topo da pirâmide financeira, em uma classe social mais privilegiada do ponto de vista econômico, busca utilizar o Futebol para manter um *status quo* e continuar no poder.

Entretanto, figuras ilustres da modalidade também utilizaram o destaque com a bola nos pés para lutar contra as injustiças. No Brasil, entre os ex-atletas, algumas histórias são significativas.

Acostumado a comemorar os gols erguendo o punho cerrado, o ex-jogador Reinaldo se posicionava constantemente contra o regime militar brasileiro. Inclusive, em entrevistas.

O mal-estar causado por Reinaldo aos dirigentes da CBD, em especial ao

presidente Almirante Heleno Nunes, chegou ao seu ápice quando, em seis de março de 1978, o jornal oposicionista O Movimento publicou uma entrevista com o título: Reinaldo, bom de bola e bom de cuca: o goleador do Atlético é o artilheiro do campeonato nacional e diz que o povo sabe votar e defende a constituinte (Lima, 2017, p. 177).

Apesar de ameaçado, o artilheiro teve uma carreira de sucesso, mesmo com lesões, sendo até hoje o maior ídolo do Atlético Mineiro.

Já o ex-jogador Nando Coimbra não teve o mesmo privilégio. Irmão de futebolistas, entre eles um dos maiores craques do país: Zico; Nando teve que abandonar a carreira aos 26 anos. Ele sofreu perseguição do governo militar, por ter feito parte do Plano Nacional de Alfabetização, motivo pelo qual entrou na lista de subversivos. Apenas, anos depois, Nando conseguiu uma reparação.

Em 1988, [Nando] foi reintegrado em seu posto no Ministério da Educação. Em 2003, no processo de reconhecimento e reparação, solicitou ser incluído na lista de vítimas da ditadura. A comissão provou que ele havia sido preso e que tivera que abandonar a carreira devido à repressão dos militares. Em 2010, foi indenizado, convertendo-se no único esportista brasileiro que obteve essa condição (Peinado, 2017, p. 144).

Outro caso emblemático na história do Futebol nacional é a Democracia Corinthiana. Em um momento mais próximo à redemocratização do país, o movimento teve um importante papel na luta pelas eleições diretas. Liderada pelos ex-jogadores Sócrates, Wladimir e Casagrande, a partir de 1982, com aval dos gestores do Sport Club Corinthians Paulista, a iniciativa foi algo até então inédita no Futebol brasileiro.

Se os militares, no poder desde 1964, haviam optado por uma abertura política

“lenta, gradual e segura”, os atuais dirigentes do Corinthians tinham pressa. Pressa para estabelecer uma nova filosofia dentro do clube, que consistia em uma série de concessões inéditas aos atletas, conquistadas pelo exercício mais elementar da democracia: o voto (Cardoso, 2014, p. 76).

Sócrates, capitão do selecionado brasileiro que encantou o mundo na Copa de 1982, foi uma das inúmeras personalidades empenhadas na campanha pelas Diretas Já. Assim como, o Corinthians, que também embarcou no movimento.

Nos últimos anos, com a volta ao poder de um governo autodeclarado conservador, foi verificado um posicionamento de apoio impactante de futebolistas ao projeto da extrema-direita, principalmente por meio de redes sociais.

Entre outros nomes, o ex-presidente Jair Bolsonaro, derrotado na tentativa de reeleição em 2022, foi defendido pelo ex-goleiro Bruno,

condenado por homicídio; Daniel Alves e Robinho, réu (à época da escrita deste texto) e condenado, respectivamente, por estupro; Ronaldinho Gaúcho, detido no Paraguai pelo uso de passaporte falso. Além deles, Neymar, Rivaldo, Marcos e Felipe Melo, todos com destaque na seleção brasileira, são seguidores ferrenhos do “bolsonarismo”.

Jogando no outro lado, um número menor de futebolistas se posicionaram fortemente contra a gestão Bolsonaro, declarando apoio ao vencedor da disputa eleitoral de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva.

Camisa dez da canarinha em 1994 e irmão de Sócrates, Raí declarou apoio ao presidente Lula. Durante a cerimônia da Bola de Ouro de Futebol, promovida pela revista *France Football*. Ao entregar a premiação da categoria que leva o nome de Sócrates (vencida pelo senegalês Sadio Mané), o ex-atleta declarou, em seu discurso:

Teremos uma decisão importante no nosso país daqui alguns dias. Nós sabemos muito bem de que lado ele [Sócrates] estaria. Estaremos todos apoiando ele [Lula]. Importante não somente para o Brasil, mas para o mundo⁶.

Outro nome de destaque no Futebol brasileiro a se mostrar contrário ao governo Bolsonaro foi o ex-jogador Juninho Pernambucano, com aparições na seleção brasileira.

Ainda em 2018, o Pernambucano com passagens destacadas pelo Sport Recife, Vasco da Gama e Lyon (FRA), declarou em entrevista ao *EL PAÍS*:

Me revolto quando vejo jogador e ex-jogador de direita. Nós viemos de baixo, fomos

⁶ STABILE, A. No Bola de Ouro, Raí diz que irmão Sócrates representa o valor da democracia e faz 'L' de Lula. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/17/no-bola-de-ouro-rai-diz-que-irmao-socrates-representa-o-valor-da-democracia-e-faz-gesto-pro-lula.ghtml>. Acesso em: 05/2023.

criados com a massa. Como vamos ficar do lado de lá? Vai apoiar Bolsonaro, meu irmão?⁷

Ademais, outras personalidades com história no Futebol que chamam a atenção por se posicionarem contra pautas ditas conservadoras é o ex-jogador Walter Casagrande, integrante da Democracia Corinthiana. E, também, o jogador Richarlison, camisa nove do escrete brasileiro na Copa do Mundo de 2022. Apesar de não se posicionar abertamente sobre política, ele é conhecido por defender e apoiar causas do campo progressista.

Assim, é possível constatar a forte influência de governantes no Futebol, buscando tirar proveito da popularidade da

⁷ PIRES, B. Juninho Pernambucano: “Me revolto quando vejo jogador de direita”. **El País**, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/deportes/1537394219_927623.html. Acesso em: 05/2023.

modalidade. O posicionamento de futebolistas brasileiros em campos políticos distintos também é notável, colocando por terra a ideia de que esporte e política não se misturam (ou não devem se misturar).

4. Drible de corpo – Racismo à brasileira no Futebol

No Brasil, a pena máxima é de trinta anos, mas eu cumpri cinquenta (Barbosa⁸).

⁸ Goleiro brasileiro na Copa do Mundo de 1950. Ídolo do Vasco da Gama.

A raça e o gênero são temas amplamente visitados no futebol. O racismo e o preconceito com a participação das mulheres no esporte ou agressões à comunidade LGBTQIAP+⁹ são mazelas sociais amplamente reproduzidas no Futebol. Sobre os temas Giulianotti (2010, p. 188) afirma:

Adotamos uma perspectiva um pouco mais global para discutir a política cultural no que tange a etnia e gênero no futebol. Os principais problemas de machismo e racismo estão na principal vertente da cultura do futebol, entre torcedores, treinadores e demais funcionários.

Conseqüentemente, os negros representando a maior parcela entre os desfavorecidos financeiramente no Brasil, o recorte de classe os afeta de maneira devastadora. De acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁹ Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transgêneros; Queers; Intersexuais; Assexuais; Pansexuais.

(IBGE), divulgada em novembro 2022, a renda média de um branco foi 75,7% maior que a de um preto, em 2021¹⁰. Com isso, o racismo presente na sociedade é refletido, infelizmente, no Futebol. O número de casos é alarmante no país e, também, envolvendo brasileiros no exterior.

Um instrumento interessante para acompanhar o número de incidentes de racismo com futebolistas locais é o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, cuja última edição foi publicada em 2022 e é relativa aos casos discriminatórios registrados no ano anterior. Em partidas disputadas envolvendo brasileiros(as), durante o ano de 2021, foram registrados 158 casos, com 137 ocorridos no Brasil e 21 com atletas brasileiros(as) atuando

¹⁰ BRASIL, A. Renda média de trabalhador branco é 75,7% maior do que de pretos, diz IBGE. **InfoMoney**, 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/carreira/renda-media-de-trabalhador-branco-e-757-maior-do-que-de-pretos-diz-ibge/>. Acesso em: 05/2023.

no exterior. Do número total, 124 são relativos ao futebol e 34 a outros esportes (Observatório, 2022).

Em relação aos casos ocorridos em território brasileiro, 81 (64 ligados ao Futebol) são atrelados ao racismo, 29 (24 relacionados ao Futebol) à LGBTfobia, 19 (15 atrelados ao futebol) ao machismo e oito (seis relacionados ao Futebol) à xenofobia. Sobre os incidentes ocorridos fora do país, 15 são atrelados ao Futebol (Observatório, 2022)

Os dados são ainda mais preocupantes ao considerar que durante o ano de 2021 a presença de público nos estádios foi limitada em decorrência da pandemia de Covid-19.

Contudo, o ano de 2021, mesmo tendo ocorrido sem a presença do público em boa parte dele, bastou o retorno dos torcedores aos eventos esportivos para evidenciarmos como um ano que igualou o número recorde de discriminação e preconceito no esporte brasileiro, que foi 2019, com 158 registros. Em

relação ao ano anterior, 2020 foi um aumento de 97,5% (Observatório, 2022, p. 18).

A propósito, o racismo se faz presente no Futebol brasileiro desde os primeiros chutes, quando os negros eram impedidos de participar. Sobre o tema, Filho (2010, p. 29) divaga:

Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelos saudosistas, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam atenção.

Com o tempo, os preconceituosos tiveram que dar o braço a torcer e os negros entraram em campo. Entretanto, o racismo sempre permeou os campos e os debates sobre o Futebol, em terras brasileiras. Por todo histórico, a relevância do debate racial no meio futebolístico não pode ficar limitado, já que:

A ubiquidade do racismo no futebol é ilustrada de forma mais grave no Brasil. A princípio, o país parece ser um “caldeirão” étnico: o futebol nacional é etnicamente misturado; a palavra “raça” tem um significado forte dentro da cultura do futebol, designando vigor e energia, ao invés de uma hierarquia ‘racial’ darwiniana. Todavia, a complexa história da escravidão, divisões raciais e grandes desigualdades econômicas do Brasil deixam uma profunda marca no futebol (Leite Lopes, 1997, *apud* Giulianotti, 2010, p. 203).

Exemplificando a afirmação anterior, é possível destacar o fato de um presidente da república brasileira ter se posicionado

oficialmente contra a participação de negros no escrete local. De acordo com Agostino (2002, p. 42), a interferência no Futebol brasileiro era comum por parte de governantes da República Velha (1889-1930), visando o que, para eles, era positivo para imagem do país:

De todos os episódios neste sentido, o mais conhecido de todos envolveu, em 1921, Epiácio Pessoa, que impediu a seleção brasileira de utilizar jogadores negros na disputa de um campeonato sul-americano na Argentina, uma vez que esses poderiam ser chamados de *macaquitos* pela torcida local, desgastando a imagem do Brasil.

Outro caso emblemático do racismo à brasileira remete a Copa de 1950 e ao *Maracanazo* (em português, “Maracanaço”, alcunha dada para derrota brasileira, no último jogo da competição, perante o campeão Uruguai), conforme rememora Guterman (2009, p. 99-100):

Um dos questionamentos mais discutidos foi suscitado pela presença dos jogadores negros na seleção – ou seja, aquilo que era tido como trunfo passou a ser visto como fardo. Barbosa e Bigode eram negros e foram responsabilizados diretamente pela inesperada derrota, além do zagueiro Juvenal, que também falhou. A derrota não era apenas da seleção, mas aparentemente também de um projeto de país, de um sentido de comunidade que se estava construindo, tendo o futebol como símbolo e a mulatice freyreana como representação.

Dessa forma, não pode ser visto apenas como coincidência o tempo levado para um goleiro negro defender novamente a meta canarina, como titular, em uma Copa do Mundo. Depois de Barbosa, Dida foi o goleiro principal em 2006, no torneio realizado na Alemanha. Um hiato de 56 anos.

O titular da meta brasileira em 1950, inclusive, por muitos anos carregou o fardo pela derrota. “ ‘No Brasil’, disse Barbosa, pouco antes de sua morte, em 2000, ‘a pena máxima

é de trinta anos, mas eu cumpri cinquenta' ”
(Wilson, 2016, p. 138).

Todavia, o marco, se assim podemos definir, para o ingresso dos negros no Futebol brasileiro ocorreu décadas antes da primeira edição de Copa do Mundo organizada pelo Brasil, em 1950. Nos anos 1920, o Vasco da Gama, que tem Barbosa na sua fileira de ídolos, foi responsável por essa mudança.

[...] o Vasco venceu o campeonato [estadual] de 1923, uma data histórica para o futebol brasileiro, porque mostrou que um time de negros e trabalhadores, se bem treinados e remunerados, podia desbancar os clubes de estudantes ricos do futebol brasileiro. O Vasco ainda sofreria, nos anos seguintes, com as normas do futebol que impediam a profissionalização de jogadores e a participação de atletas negros e analfabetos (Guterman, 2009, p. 55).

No entanto, vale destacar que a Ponte Preta, de Campinas (SP), é considerada a

primeira associação futebolística do Brasil a contar com a participação de um jogador negro. As notícias descrevem que em 1900 Miguel do Carmo foi um dos fundadores da agremiação. Assim, ele também pode ser considerado o primeiro jogador negro do país.

Enquanto isso, o primeiro clube a ser campeão contando com negros no escrete teria sido o Bangu Atlético Clube. A equipe venceu a segunda divisão do campeonato carioca em 1911, em uma década anterior a do título vascaíno¹¹.

Em Pernambuco, o Santa Cruz tem um histórico relacionado às classes sociais mais pobres. Fundado em 1914 por um grupo de jovens no bairro da Boa Vista, no Recife, a equipe já nas primeiras escalações oficiais

¹¹ CLUBES pioneiros na inserção do jogador negro no futebol brasileiro. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, [s.d]. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/clubes-pioneiros-na-insercao-do-jogador-negro-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 07/2023.

contava com Teófilo Batista, o Lacaia. O primeiro atleta negro a atuar no estado também foi o responsável por desenhar a primeira versão do escudo do clube¹².

Ao passo que, atualmente, as dificuldades para os negros no Futebol brasileiro conseguirem papel de destaque e comando ainda são reais. Às vésperas do Campeonato Brasileiro de 2022, apenas um técnico negro dirigia um clube da Série A, Jair Ventura, no Goiás, de Goiânia (GO). Na Série B, dois treinadores negros começaram a competição no cargo: Hélio dos Anjos, na Ponte Preta, de Campinas (SP); e Roger Machado, no Grêmio, de Porto Alegre (RS)¹³.

¹² PARAHYBA, J. Em 1914 se inicia uma paixão em três cores: Santa Cruz Futebol Clube. **GE**, 2014. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2014/02/em-1914-se-inicia-uma-paixao-em-tres-cores-santa-cruz-futebol-clube.html>. Acesso em: 07/2023.

¹³ PRADO, W. Futebol brasileiro continua sem dar chance a treinadores negros e fora do campo crescem os casos de racismo contra jogadores e torcedores. **Baobá**: Fundo para Equidade Racial, 2022. Disponível em: <https://baoba.org.br/futebol-brasileiro-continua-sem->

Para o início da temporada de 2023, entre os clubes da Série A da competição nacional, apenas o Corinthians (SP) anunciou um técnico negro no comando, Fernando Lázaro, que foi demitido antes da segunda rodada do Campeonato Brasileiro do mesmo ano.

A falta de oportunidades para pessoas negras no Futebol é similar à situação na sociedade brasileira, em que o racismo estrutural dificulta a chegada de negros e negras a posições de poder. Almeida (2019, p. 41) define a situação:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é

[dar-chance-a-treinadores-negros-e-fora-do-campo-crescem-os-casos-de-racismo-contra-jogadores-e-torcedores/#:~:text=De%201930%2C%20quando%20disputou%20sua,isso%20se%20deve%20ao%20racismo.](#)
Acesso em: 05/2023.

estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Além disso, infelizmente, uma parcela considerável da população brasileira ignora o racismo cotidiano.

Pessoas brancas não costumam pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo, pois o debate racial é sempre focado na negritude. A ausência ou a baixa incidência de pessoas negras em espaço de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros e antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual. E, para além disso, é preciso pensar em ações que mudem essa realidade (Ribeiro, 2019, p. 31-32).

Entretanto, buscando proporcionar a inserção de pessoas pretas em posições de destaque e diminuir desigualdades, a Vivo (companhia da área de telecomunicações), a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o Observatório da Discriminação Racial no Futebol criaram o projeto Professores Pretos¹⁴, em novembro de 2022. Seis brasileiros que trabalham com Futebol foram escolhidos para participar de uma preparação na academia de técnicos da CBF, com licença de técnico ao fim do projeto. É um começo, mas será suficiente?

¹⁴ CORRÊA, M. Observatório, Vivo e CBF lançam projeto “Professores Pretos”; conheça os selecionados. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 2022. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio-vivo-e-cbf-lancam-projeto-professores-pretos/>. Acesso em: 05/2023.

5. Impedimento – as mulheres entram em campo, a contragosto de muitos

O preconceito e a falta de oportunidades já me doeram ao longo do meu caminho. Doeu quando meninos não me deixaram jogar. Doeu quando treinadores me tiravam dos campeonatos porque eu era apenas uma menina. Mas minha certeza de onde eu iria chegar nunca me deixou desistir (Marta¹⁵)¹⁶.

¹⁵ Maior artilheira da seleção brasileira entre homens e mulheres. Eleita por seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo.

¹⁶ PIRES, B. A Copa do despertar feminista de Marta: “o futebol feminino depende de vocês para sobreviver”. **El País**, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/23/deportes/1561293444_607682.html. Acesso em: 05/2023.

O descaso com oportunidades profissionais, quando se fala em Futebol de mulheres, tem um quadro semelhante ao exposto no capítulo anterior. Os salários pagos às jogadoras costumam ser muito mais baixos em comparação com os valores pagos aos homens. Oliveira e Maldonado (2020, p. 11) exemplificam o caso:

[...] Uma pesquisa feita pelo FiFPro¹⁷, em parceria com a universidade de Manchester, com jogadoras de clubes de elite da América, África, Ásia e Europa, descreve que 49,5% delas não recebem salário. Marta, eleita melhor jogadora do mundo pela FIFA¹⁸ por seis vezes, recorde entre atletas de ambos os sexos, tinha salário de 340.000 euros por ano, enquanto Neymar, sem nenhuma eleição, ganhava 36 milhões de euros por ano, de acordo com o estudo.

¹⁷ Federação Internacional dos Jogadores de Futebol Profissionais.

¹⁸ *Fédération Internationale de Football Association* (Federação Internacional de Futebol Associação).

Além da disparidade financeira nos salários, oportunidades em cargos para treinadoras e dirigentes mulheres são raras. Apenas recentemente, o Brasil contou com mulheres dirigindo a seleção nacional feminina, como: a técnica Emily Lima, entre 2016 e 2017, e a sueca Pia Sundhage, no cargo entre 2019 e 2023.

Outro ponto importante para reflexão é o tratamento relegado ao Futebol de mulheres. As palavras proferidas e ações executadas relativas às jogadoras carregam uma alta carga de preconceito. Pois, inclusive, os atletas masculinos quando xingados são pejorativamente comparados às mulheres: “[...] os treinadores e espectadores geralmente expressam o encorajamento aos jogadores em termos classicamente masculinos, pedindo que parem de ‘jogar como maricas’ ou ‘marcar como mulherzinha’” (Giulianotti, 2010, p. 196).

Os exemplos descritos são marcas sociais do machismo que reverberam no

mundo futebolístico. É importante destacar que, no Brasil, a prática deste esporte, assim como de outros, não era permitida às mulheres oficialmente durante um período significativo, iniciado antes da ditadura civil-militar e se estendendo até perto do final do regime. Oliveira e Maldonado (2020, p. 13) detalham a situação:

Do período de 1941 a 1979, o futebol feminino não era permitido por lei, totalizando 38 anos onde a prática foi proibida no Brasil. Mesmo após esse período de censura, apenas quatro anos depois, em 1983, a prática obteve regulamentação própria. Uma vez liberado e regulamentado, os campeonatos femininos, apesar de inúmeras dificuldades, gradativamente ganharam cada vez mais força.

Ainda sobre o tema, Giulianotti (2010, p. 197) destaca os motivos para as dificuldades encontradas pelo Futebol de mulheres prosperar:

Ao discutir a política de gênero no futebol, o poder masculino e o cultivo à masculinidade dentro do esporte também são aspectos cruciais. Inicialmente, as evidências todas levam a concluir que a masculinidade hegemônica do futebol é uniformemente agressiva e chauvinista.

Um exemplo disso foi o tratamento dado à narradora Renata Silveira, da Rede Globo de Televisão, durante a Copa do Mundo do Catar, em 2022. Primeira mulher a narrar o torneio masculino em uma TV aberta, ela foi alvo de críticas pesadas e xingamentos.

Em entrevista ao canal de vídeos *Splash* vê TV¹⁹, hospedado no portal de notícias Universo Online (UOL), Renata afirmou ter recebido muitas críticas no período da

¹⁹ RENATA Silveira sobre críticas: Não é pela minha narração, é por ser mulher. **Splash UOL**, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/12/13/renata-silveira-sobre-criticas-nao-e-pela-minha-narracao-e-por-ser-mulher.htm>. Acesso em: 05/2023.

competição motivadas por ser mulher e não pelas narrações realizadas.

As ofensas não são frutos de um caso isolado. Em 2021, de acordo com o *Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol*, foram catalogadas 19 ocorrências relacionadas ao machismo no Esporte brasileiro, 15 delas no Futebol (Observatório, 2022, p.121-122).

As agressões, faltas de oportunidade, desvalorização profissional sofridas pelas mulheres são consequência de uma sociedade cujo poder sempre esteve nas mãos de homens. Estando nesta posição é preciso refletir sobre o assunto, além de ler e ouvir quem vive o outro lado da moeda.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em *Sejamos todos feministas* (2015), obra baseada em uma palestra ministrada em 2012 no TED²⁰xEuston, conferência anual com foco na África, aborda o

²⁰ Acrônimo de *Technology, Entertainment, Design*.

temor dos homens em relação ao feminismo. Para a autora, a conversa sobre a questão de gênero não é fácil e gera desconforto, pois a mudança de *status quo* é sempre difícil. Ela enfatiza a importância do uso da palavra “feminista”, porque seria desonesto não usá-la ao tratar sobre problemas referentes aos gêneros, visto que seria uma forma de negar que durante séculos os homens oprimiam e excluíam as mulheres. E para solucionar o problema é preciso reconhecer isso (Adichie, 2015).

Desta forma, destaca-se a colocação abaixo:

Alguns homens se sentem ameaçados pela ideia de feminismo. Acredito que essa ameaça tenha origem na insegurança que eles sentem. Como foram criados de um determinado modo, quando não estiverem “naturalmente” dominando, como homens, a situação, sentirão a autoestima diminuída. Outros talvez enfrentem a palavra

“feminismo” da seguinte maneira: “Tudo bem, isso é interessante, mas não é meu modo de pensar. Aliás, eu nem sequer penso na questão de gênero”.

Talvez não pensem mesmo. E isso é parte do problema: os homens não pensam na questão de gênero, nem notam que ela exista (Adichie, 2015, 43-44).

Contudo, através de bastante persistência, mulheres de fibra e craques com a bola nos pés se recusam a desistir. Elas não esmorecem e vão galgando espaços pelos campos, quadras, estádios e arenas. Mesmo contra toda a má vontade dos mandachuvas do Futebol, nomes como: Marta, Formiga, Cristiane; antes delas, Sissi e Kátia Cilene; nunca se curvaram.

6. Preleção - O conteúdo Esporte e o Futebol na Educação Física Escolar

Durante seus anos de goleiro, Camus²¹ aprendeu muitas coisas:

– Aprendi que a bola nunca vem para a gente por onde se espera que venha. Isso me ajudou muito na vida, principalmente nas grandes cidades, onde as pessoas não costumam ser aquilo que a gente acha que são as pessoas direitas (Galeano, 2018, p. 64).

²¹ Escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista, ensaísta e “goleiro” franco-argelino.

Ao chutar uma bola de futebol na escola, durante uma aula de Educação Física, o/a estudante precisa ter consciência de que, naquele momento, aquela ação tão corriqueira para muitos (as) tem outro significado. Existe um propósito e um conteúdo a ser abordado. Entretanto, para chegar a este ponto, o conteúdo Esporte, em que o Futebol se encontra inserido, percorreu um longo caminho até provar o valor para ocupar um espaço nas instituições de ensino.

Este capítulo busca trazer uma fundamentação teórica sobre como tratar o Futebol na escola sob uma ótica de fenômeno sociocultural. Para isso, foi produzida uma sistematização de uma unidade didática para uma turma de primeiro ano do Ensino Médio (com planos de aula anexados a este trabalho) em que o Futebol é o tema central, porém combinado com assuntos pulsantes socialmente, principalmente no Brasil.

Para isso, é preciso ter a consciência de que o Esporte como fenômeno sociocultural foi evoluindo com o passar dos anos. Quando surgiu sua prática era considerada “apenas” uma forma de lazer e divertimento. Atualmente, o Esporte Moderno, segundo Oliveira (2013, p. 28), é orientado pelos princípios da profissionalização, mercantilização e espetacularização, “[...]sendo influenciado e inspirando questões políticas, econômicas, sociais e culturais, estando esse fenômeno em constante evolução e, sua prática pode ser corporal ou não”.

Para ser inserido no ambiente educacional, o Esporte necessitou de argumentos para provar a importância de ser transmitido aos estudantes. Tornou-se essencial o fato de, como conteúdo, ele ser abordado sob a ótica de um fenômeno sociocultural, nesta era. Sobre o tema, Vago (1996, p. 8) considera:

O esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria legitimidade para o ensino de Educação Física na escola: ensinar esporte. Mas, paradoxalmente, parece que a Educação Física somente seria legitimada na escola na medida em que transmitisse (ensinasse) esse elemento da cultura tal como ele se realiza nas sociedades modernas, com os códigos citados.

Entretanto, ao surgir na escola, o Esporte era enxergado de uma maneira diferente à defendida neste texto, em que ele é tratado com um fenômeno amplo e com implicações sociais, políticas e culturais. Para Bracht (1997, p. 22), quando este conteúdo começou a ser abordado nas escolas não havia uma preocupação com os aspectos pedagógicos e a prática era apenas reproduzida como uma vertente do esporte de rendimento. O autor aponta que:

Mais uma vez a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição, e, de tal

forma, que temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na Escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. Utilizando a linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio-ambiente (esporte) não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior.

Neste sentido, se faz importante elucidar para os/as estudantes características entre as distintas interpretações do fenômeno esportivo

e como ele será tratado no ambiente educacional. O Coletivo de Autores (2012) segue uma linha de raciocínio cujo Esporte precisa ser ofertado na escola de uma maneira a ser desmitificado, possibilitando aos discentes criticá-lo dentro de um contexto que envolva aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Dentro desta linha, Vago (1996) faz a defesa que o "esporte da escola" e o "esporte na escola" devem caminhar lado a lado. Sendo a instituição de ensino, um local propício à prática de atividades esportivas, acessível para todos.

Refiro-me também, e principalmente, às estratégias usadas para ocupação dos espaços e dos tempos escolares, ainda que contra a (ou apesar da) própria escola, para a prática das modalidades esportivas, e com códigos que não necessariamente reproduzem os do esporte de rendimento, mas com a construção de

regras, de tempos e de espaços próprios [...].

[...] Assim, diferentemente de uma negação radical do "esporte da escola" pelo "esporte na escola", considero ser frutífero para a Educação Física avançar no sentido de construir uma relação de tensão permanente entre eles. Uma relação de tensão permanente que se estabeleça entre uma prática de esporte produzida e acumulada historicamente e uma prática escolar de esporte (a cultura escolar de esporte) (Vago, 1996, p.10).

Contudo, a convivência entre estas duas vertentes necessita ter fronteiras bem delimitadas para diferenciar os momentos da aula de Educação Física e de treinamento, pois em várias instituições de ensino ele é ofertado. Ainda assim, mesmo em uma equipe formada para representar a escola em jogos escolares o caráter pedagógico não pode ser esquecido.

Portanto, é necessário trazer nas aulas de Educação Física uma visão do Esporte Moderno, que seja um reflexo da realidade e

contextualize o fenômeno esportivo na sociedade atual. Sobre o tema, Oliveira (2013, p. 18) afirma:

Compreendemos a definição do esporte moderno constituída de sentidos/significados diferentes dos evidenciados na antiguidade, ou seja, afastando-se das festas agrárias ou eventos religiosos. Aproxima-se do lazer, da promoção da saúde e do rendimento/espetáculo, tanto como uma mercadoria a ser consumida pela sociedade, bem como numa perspectiva educacional de formação ou mesmo de controle social e até de alienação.

As várias formas de enxergar a prática esportiva acarretam questionamentos sobre o papel do conteúdo nas unidades de ensino. Segundo o Coletivo de Autores (2012), o Esporte está subordinado aos códigos e significados que a sociedade capitalista lhe imprime e por isso não pode ser afastado das condições a ele inerentes, especialmente

quando lhe são atribuídos valores educativos para justificar sua inserção no currículo escolar.

Ao seguir por esse caminho, inevitavelmente, o ensino desta temática na escola reproduz as desigualdades sociais, em que os mais abastados financeiramente, que podem ser considerados os mais poderosos na sociedade capitalista, se sobressaem contra os mais humildes em termos de posses; no caso, os mais frágeis financeiramente. Sendo assim, é possível considerar essa prática uma forma de controle social, por levar o participante aos valores e normas dominantes defendidos para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade.

No entanto, ao guiar-se pela abordagem Crítico-Superadora, os docentes de Educação Física precisam seguir em direção contrária ao pensamento descrito nos parágrafos anteriores e criar estratégias para dar um tom de igualdade (ou equidade) durante as aulas, minimizando o desequilíbrio. Na verdade,

buscando proporcionar a todos(as) os/as participantes do processo de ensino-aprendizagem oportunidades, no mínimo, semelhantes de fazer parte das atividades práticas e teóricas, debates, entre outras estratégias adotadas.

Além disso, o ensino da Educação Física pela ótica da abordagem Crítico-Superadora deve possibilitar a reflexão sobre as mazelas presentes na sociedade contemporânea. Oliveira (2018, p. 30) descreve a importância do ensino do Esporte contra a desigualdade social provocada pelo modo de produção capitalista:

[...] as contribuições do fenômeno esporte enquanto objeto de ensino podem ser importantes pois podem permitir, ao nível da sociedade, o desenvolvimento de relações democráticas e de solidariedade desde a unidade mais simples da prática esportiva até, no que tange ao indivíduo, na colaboração com o fomento ao desenvolvimento de um psiquismo apto a se

libertar das amarras impostas por relações sociais desiguais e excludentes que tornam-se naturalizadas e mistificadas.

Ainda que, a forma de abordar o fenômeno Esporte e contextualizá-lo é dependente de fatores extrínsecos (currículo da rede, projeto político pedagógico, imposição política, pressão do mercado) e intrínsecos (visão de mundo, formação educacional, ideologia política) relacionados ao professor ou professora da turma. Ainda que direcionados por uma mesma abordagem a bagagem social e cultural do/da profissional vai ser um diferencial no andamento das aulas.

Ao passo que, assim como Bracht (1997, p. 65), defendemos como conduta dos docentes possibilitar aos estudantes provenientes de classes mais pobres, integrantes de famílias oprimidas pelos mais ricos, o acesso a uma cultura esportiva mais ampla. Para o autor, é necessário “[...] permitir ou possibilitar através desta pedagogia que

estes indivíduos possam analisar criticamente o fenômeno esportivo, situá-lo e relacioná-lo com todo o contexto sócio-econômico-político e cultural”.

Neste sentido, seria possível estimular uma consciência de classe entre os/as estudantes. Principalmente, naqueles(as) inseridos(as) nas escolas públicas, que têm um corpo discente majoritariamente constituído por membros de famílias localizadas em partes mais inferiores da pirâmide financeira do Brasil. Assim, incentivando-os em uma busca por maiores possibilidades de ascensão social.

Visto que o Brasil é um país onde a desigualdade social é explícita, conforme estudo publicado em dezembro de 2021 pela *World Inequality Lab* (Laboratório das Desigualdades Mundiais). O relatório aponta que os 10% mais ricos do país ganham quase 59% da renda brasileira; a metade mais pobre recebe 29 vezes menos que os 10% mais abastados; os 50% mais pobres possuem

menos de 1% da riqueza nacional; e a parcela que possui a metade da fortuna patrimonial do país é de 1%²². Com isso, os detentores do poder econômico buscam se perpetuar nesta posição.

Dessa forma, apenas através de reflexões sobre os temas supracitados é possível estimular estudantes do ensino público a compreenderem o local em que se localizam socialmente. Em outras palavras, “[...] evidencia-se que nesta sociedade na qual estamos inseridos, dividida em classes sociais, não se buscam interesses em comum. Pelo contrário, são classes sociais que se opõem e travam uma luta cotidiana” (Malina, 2017, p. 24-25).

Neste sentido, de acordo com, Vago (1996, p.10), é de responsabilidade da escola,

²² FERNANDES, D. 4 dados que mostram porque o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761>. Acesso em: 05/2023.

mas especificamente da Educação Física, mostrar a existência de outras possibilidades à prática de esportes, originando novos conhecimentos sobre este fenômeno. Com isso, as instituições de ensino não devem ser um local onde o conhecimento já pronto é transmitido e inabalado ou apenas passado de forma didática.

Ainda assim, incentivar o senso crítico em sala ou espaço de aula não pode ser confundido com negar a técnica, a tática e as regras oficiais. Adaptações são importantes e, até mesmo, a exclusão e/ou a inclusão de algumas regras são permitidas. No entanto, os motivos para as mudanças precisam ser elucidados para os/as estudantes. Assim como, é fundamental que, mesmo com mudanças no jogo praticado pelos discentes, eles(as) tenham compreensão de quais são as regras oficiais e como a técnica deve ser realizada. Da mesma maneira, é relevante a

compreensão da motivação da evolução dos fundamentos, das regras e das táticas.

Por sua vez, é importante, durante as aulas, unir todos os assuntos pertinentes ao Esporte. Mostrar que os gestos técnicos, táticas, regras e temas relativos ao cotidiano precisam ser agregados durante as intervenções. Para Oliveira (2013, p. 28):

[...] ao reconhecermos o esporte como além do “rolar a bola”, identificamos que muitas das críticas sofridas, inerentes aos seus aspectos negativos, são consequências de fatores externos à prática. Esses, por sua vez, ocasionados por imposições políticas ou exigências mercadológicas, através da apropriação das suas características, ou seja, utilizando-o com diferentes funções sociais, tomando, muitas vezes, como referência para o seu ensino na escola, a aptidão física e o tecnicismo, a partir do esporte-rendimento.

Devido a isso, seguimos com o pensamento de que o/a docente precisa ir além

do papel de treinador(a), cuja função é mostrar os exercícios e ordenar que os/as estudantes o realizem. É necessário provocar, estimular os/as discentes a pensarem os movimentos, os motivos das regras, a criarem as próprias estratégias durante as atividades e entenderem o objetivo de estarem participando de determinado esporte. E, além disso, que consigam, através da prática, refletir sobre como o Esporte - no caso desta obra, o Futebol - está inserido na sociedade, influencia e é influenciado por ela.

Ao guiar-se pela abordagem Crítico-Superadora, a cultura corporal é pensada como um fator inerente ao ensino da Educação Física. Entendendo o movimento e a prática do Esporte como indispensáveis para o aprendizado deste conteúdo. Segundo o Coletivo de Autores (2012, p 61-62):

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área

denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais [...] O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem.

Assim, ao assumir esta perspectiva de ensino, a estrutura da aula necessita ser pensada de maneira que conteúdo, atividades práticas e reflexões da realidade estejam associados. Para Malina (2017, p. 26-27),

[...] em especial na Educação Física, o movimento torna-se exteriorização de uma concepção de mundo e de uma visualização da própria sociedade, revelando o que fora acumulado coletivamente através do processo histórico e cultural. Através da reflexão sobre questões de ordem coletiva presentes nas aulas busca-se uma contribuição para um pensar social, quebrando com o processo de esportivização e, portanto, de coisificação do próprio ser humano.

Além disso, de acordo com o autor, em uma proposta Crítico-Superadora a intervenção precisa levar o/a estudante a ficar próximo de perceber os objetos da Educação Física na totalidade. Com isso, possibilitando desenvolver uma ação com o pensamento e problematizando-a.

Porém, é importante a compreensão que debates sobre os temas citados anteriormente, provocando uma visão de sociedade mais ampla pelo grupo, não se tornem os únicos contextos tratados nas aulas de Educação Física. Bracht (2000, p. 18) indica que um dos equívocos referentes ao Esporte como conteúdo é que “tratar criticamente do esporte na escola é abandonar o movimento em favor da reflexão”. O autor afirma também que o engano parte da ideia construída de que os críticos do Esporte de rendimento, enquanto conteúdo da Educação Física escolar, tinham a intenção de substituir o ensino das destrezas esportivas pelo discurso sociológico ou

filosófico sobre o tema. Dessa forma, tornando-as intervenções de sociologia/filosofia do Esporte, preferencialmente através de aulas teóricas, em sala.

Não se trata de substituir o movimento pela reflexão, mas de fazer esta acompanhar aquele. Para isso, não é preciso ir para a sala de aula! Mas é preciso também, não reduzir a mudança apenas ao ato de acrescentar a reflexão à prática, e sim entender que a própria prática, a própria forma do movimentar-se esportivo precisa ser reconstruída (Bracht, 2000, p.18).

Como já dito anteriormente, a reflexão sobre o conteúdo deve ir além apenas do jogar. Sem o/a professor(a) questionar determinadas escolhas, trazendo assuntos e atividades pertinentes ao nível de ensino da turma, a contribuição para o desenvolvimento educacional e como cidadão para os/as estudantes será efêmero. Para Oliveira (2018), o Esporte, como conteúdo, pouco varia durante

todo o período escolar. Para piorar, eles são apenas praticados e não ensinados, acarretando que os/as discentes acabem o ensino regular sem obter conhecimentos relevantes sobre modalidades que gostam.

Entretanto, uma cilada em que o/a professor(a) pode cair é a de não vincular temas discutidos em aula com o conteúdo principal. Na sociedade brasileira, o debate acerca de temas como: classes sociais, desemprego, política, racismo, gênero, entre outros; estão cada dia mais acalorados e não podem ficar do lado de fora do muro das escolas. São questões presentes nos esportes. Então, relacionar o surgimento do Futebol com a luta entre as classes sociais é factível, para não colocar como necessário, já que ele surge e é jogado nos primórdios apenas por homens financeiramente privilegiados.

Ainda mais, sendo o Futebol atualmente extremamente popular, principalmente no Brasil, é um chamariz para os/as estudantes se

sentirem ainda mais interessados em entendê-lo como fenômeno sociocultural. Freire (2011, p. 9) descreve vantagens na utilização do conteúdo:

Quem aprende futebol pode desenvolver um acervo de habilidades bastante diversificado, podendo aproveitar essas habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com rica contribuição para o seu desenvolvimento moral e social. Deve fazer parte da pedagogia do esporte conversar sobre os acontecimentos da aula, colocar o aluno em situações desafiadoras, estimulá-lo a criar suas próprias soluções e falar sobre elas, levando-o a compreender suas ações. São coisas que contribuem para o desenvolvimento da inteligência do aluno.

Por sua vez, o Coletivo de Autores (2012) defende que o ensino de algum esporte não seja esgotado com os gestos técnicos.

Entretanto, limitá-los não pode ser confundido com excluí-los das aulas de Educação Física. A obra sugere como abordar alguns temas da cultura corporal inseridos no conteúdo Esporte:

[...] O estudo do futebol na escola pode ser feito mediante uma análise que abarque diferentes aspectos, tais como:

- O futebol enquanto jogo com suas normas, regras, e exigências físicas, técnicas e táticas;
- O futebol enquanto espetáculo esportivo;
- O futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional;
- O futebol enquanto jogo popularmente praticado;
- O futebol enquanto fenômeno cultural/que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo e, em especial, no Brasil (Coletivo de Autores, 2012, p. 71).

Portanto, entender o Futebol como um fenômeno sociocultural se opõe à ideia de tratar o Esporte apenas como um reproduzidor de movimento. É preciso levar os/as estudantes a

pensarem o jogo. Compreenderem o motivo pelo qual o Futebol é tão popular no Brasil e como ele, em vários momentos, se confunde com a história do país, abrindo caminhos para o debate sobre temas sociais.

7. Apito Final – Considerações finais

Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais (Galeano, 2018, p. 40).

Quando o árbitro soa o apito derradeiro de uma partida de Futebol, nem sempre caracteriza o final. Várias situações ocorrem antes e/ou depois de um jogo. Assim, é necessário traçar um paradigma sobre este esporte e os temas supracitados, tratando-o como um fenômeno sociocultural, que reflete e influencia diretamente na sociedade.

Os estudos de Guterman (2006, p. 16) também convergem nesta direção. O autor afirma que:

Os poucos estudiosos que se dedicaram a entender os efeitos do futebol sobre a sociedade brasileira e seus desdobramentos institucionais coincidem num ponto: o de que o futebol, por todos os seus significados, funciona como importante elemento de aproximação numa dada sociedade.

Com isso, os elementos mencionados, relacionados ao Futebol, podem ser considerados como preponderantes nas

discussões acerca da sociedade brasileira. Durante décadas, o debate político e social do Brasil se confunde com a evolução do Futebol, refletindo na população e na cultura.

Giulianotti (2010, p. 8) destaca a influência deste esporte em características de determinados povos:

[...] Sua centralidade cultural na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos.

No Brasil, com muitas pessoas fanáticas pelo Futebol, esta influência é potencializada. O debate em torno do tema gera um conteúdo amplo em vários veículos de mídia, sendo assunto central nas rodas de conversas em diversas esferas, como, por exemplo, as classes sociais e os direcionamentos políticos distintos.

Agostino (2002, p. 269) aponta a importância da modalidade no debate popular:

Longe de ser apolítico, o futebol serviu em diferentes contextos tanto contra os poderes opressivos quanto como veículo para ações revolucionárias. Seria ingênuo enxergar nele neutralidade. Das origens modernas à globalização, pelos cinco continentes, foram pontuados alguns momentos em que o jogo serviu desde os ditadores mais sanguinários, passando pelos políticos mais oportunistas, até os ideais mais nobres em busca da liberdade.

Ao passo que, assim como as discussões sobre a sociedade e o cotidiano, o Futebol precisa estar presente nas escolas. Como conteúdo da Educação Física, a modalidade deve ter o espaço de destaque que lhe é devido. Para isso, é fundamental sua compreensão nos espaços de aula como um fenômeno presente nas esferas sociais atuais.

A intenção deste livreto é ser uma fonte de consulta para quem quiser tratar o Futebol como um fenômeno sociocultural durante as aulas. Entendida desta forma, a modalidade pode ser colocada em um patamar elevado no Brasil.

Afinal, diversos círculos vão tratar sobre os resultados dos últimos jogos; camisas de times fazem parte do vestuário das pessoas; e a disputa de uma pelada²³ pode ser vista em campinhos de terra batida ou no meio de uma rua pouco movimentada. Ainda que muitos desses campinhos estejam em processo de extinção, graças à especulação imobiliária em cidades mais populosas. Todavia, a capacidade de praticar o Futebol adaptando-o a diversos tipos de espaços é um trunfo.

Um dos pontos-chave para estimular a reflexão dos/das estudantes, fazendo-os(as)

²³ Em Pernambuco, é uma maneira de nomear uma disputa informal de uma partida de Futebol, seja com regras oficiais ou adaptadas.

encararem o Futebol para além das quatro linhas, é trazer relatos factíveis de como a modalidade está inserida nas discussões vigentes na sociedade e quais elementos da prática podem ser relacionados aos temas propostos nos debates. Assuntos comuns ao cotidiano deles e delas são uma forma de conectar a turma com as características do esporte em questão.

Entretanto, é necessário seguir um caminho que não promova uma dicotomia entre atividades práticas (cultura corporal) e objetos de discussão, como as questões sociais visitadas. Com isso, tomando como direcionamento a abordagem Crítico-Superadora, tal qual descreve o Coletivo de Autores (2012, p. 70-71):

O programa deve abarcar desde os jogos que possuem regras implícitas até aqueles institucionalizados por regras específicas, sendo necessário que o seu ensino não se esgote nos gestos técnicos.

Colocar um limite para o ensino dos gestos técnicos, contudo, não significa retirá-los das aulas de Educação Física na escola, pois acredita-se que, para dizer que o aluno possui “conhecimento” de determinados jogos que foram esportivizados, não é suficiente que ele domine os seus gestos técnicos.

Deste modo, é fundamental pensar os conteúdos de cada aula de maneira a provocar a turma a participar dos debates e fazer a relação com qual aspecto do Futebol estiver sendo tratado naquele momento. Uma estratégia para perpassar a abordagem apenas de gestos técnicos ou cair em uma contradição e transformar as aulas de Educação Física somente em discussões voltadas para temas socioculturais.

Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002.

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem social**. 2ª ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 06, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/articloe/view/2504/1148>. Acesso em: 02/ 2023

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 4ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. 4.ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer**. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília v. 10 n. 4 p. 99-104. 2002. Disponível em: <http://www.fundesporte.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/JEC-Princ%C3%ADpios-Operacionais-Modelo-Pendular.pdf>. Acesso em: 03/2023.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução: Eric Nepomuceno, Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GAYA, A. Sobre o esporte para crianças e jovens. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. P. 49-70.

GONZÁLEZ, F. J. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

MALINA, A. *et al.* **Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017.

MARINHO, V. **O esporte pode tudo**. São Paulo: Cortez, 2010.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. 2004. Reimpressão, São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MURAD, M. **O futebol no Brasil**: reflexões sociológicas. Caravelle (1988-), nº 89, 2007, pp. 109-128. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40854372>. Acesso em: 06/2021.

OBSERVATÓRIO, D. R. F. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021**. Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2022. 181 p.: il., fots. 8º Relatório da Discriminação Racial no Futebol.

OLIVEIRA, G. M; MALDONADO, T. D. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a Educação Física no ensino médio. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01–21, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/73498/45128>. Acesso em 02/2023.

OLIVEIRA, M; SAITO, H. T. I; SOUTO, D. L. Violência contra LGBTQIA+ no Brasil: práticas pedagógicas como instrumento/ação de prevenção. **Horizontes**, 40(1). 2022. e022033. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1332>

Disponível

em:

<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1332/651>. Acesso em: 03/2023.

OLIVEIRA, M. M. **O trato com o conhecimento esporte na abordagem crítico-superadora**. Salvador: 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 2018.

OLIVEIRA, R. F. C. **O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra**. Recife: 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, 2013.

_____. **O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas**. Recife: 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, 2017.

PEINADO, Q. **Futebol à esquerda**. Tradução: Carlos Tranjan, Luis Reyes Gil. São Paulo: Madalena, 2017.

PANSANI, C. **Pequeno Dicionário de Sociologia**. 2ª ed. Ver. Ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, J. R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SARMENTO, R. M. **O ensino do futebol nas aulas de educação física**: a participação das meninas nas aulas de uma escola da Região Metropolitana do Recife. Recife: 131 f. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, 2020.

SAVIANI, D. (1984, jul./ago.). Sobre a natureza e especificidade da educação. In: “**Natureza e Especificidade da Educação**”. Mesa-redonda do INEP, Brasília. Disponível em: <https://www.normasabnt.org/referencias-bibliograficas/>. Acesso em: 08/2021.

SILVA, B. C. R. **A educação física no novo ensino médio**: dificuldades e possibilidades de consolidação nas escolas de referência da rede pública de ensino do Estado de Pernambuco. Recife: 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de

Pós-graduação em Educação Física
UPE/UFPB, 2019.

SILVA, J. M. G. da. O ENSINO DOS JOGOS
DESPORTIVOS COLECTIVOS.
PERSPECTIVAS E
TENDÊNCIAS. **Movimento**, [S. l.], v. 4, n. 8, p.
19–27, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2373.
Disponível em:
[https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/artic
le/view/2373](https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/artic
le/view/2373). Acesso em: 04/2023.

SILVA, R. F. F. Disputa de poder nas cidades:
onde foram parar os campos de futebol de
várzea?. **Ludopédio**, São Paulo, v. 143, n. 29,
2021. Disponível em:
[https://ludopedio.org.br/arquivancada/disputa-
de-poder-nas-cidades-onde-foram-parar-os-
campos-de-futebol-de-varzea/](https://ludopedio.org.br/arquivancada/disputa-
de-poder-nas-cidades-onde-foram-parar-os-
campos-de-futebol-de-varzea/). Acesso em:
03/2023.

VAGO, T. M. Esporte da escola, esporte na
escola: da negação radical à tensão
permanente - um diálogo com Valter Bracht.
Revista Movimento, Porto Alegre, n. 5, p. 4-
17, 1996. Disponível em: <<
[http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/artic
le/view/2228/936](http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/artic
le/view/2228/936) >> Acesso em: 06/2021

WILSON, J. **A pirâmide invertida**: a história
tática no futebol. Tradução: André Kfourir.
Campinas, SP. Editora Grande Área, 2016.

Anexos (planos de aula para sequência didática):

Plano de aula – nº 1

Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte Temática: Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Realizar uma diagnose sobre o conhecimento da turma em relação ao futebol como fenômeno sociocultural.
Conteúdos	Futebol como fenômeno sociocultural (Diagnose).
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	Aula 1: Seminário de abertura / Diagnose da turma acerca do futebol. 1 – Os/as estudantes serão convidados(as) a explorar a sala de aula, em que imagens relacionadas ao futebol como fenômeno sociocultural foram fixadas nas paredes. Serão orientados a anotarem considerações sobre as imagens que acharem mais interessantes; 2- Serão explicados os procedimentos da unidade didática, a pesquisa a ser realizada, conteúdo que será abordado, participação dos/das estudantes na pesquisa-ação; 3- Será aplicado um questionário diagnóstico com cada estudante; 4- Serão discutidas as impressões dos/das estudantes acerca das imagens; 5- Avaliação através de roda de conversa sobre as imagens e impressão dos estudantes sobre o questionário.
Recursos didáticos	Sala de vídeo, impressora, papel, fotos (impressas), fita adesiva, questionário (impresso).
Avaliação	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de cumprimento de atividades, com a realização de questionário diagnóstico sobre o futebol como fenômeno sociocultural e perguntas sobre as impressões dos/das estudantes sobre as imagens.
Referências	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2017. COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física . São Paulo: Cortez, 2012. FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade . São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país . São Paulo: Contexto, 2009. MALINA, A. <i>et al.</i> Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte . Campo Grande, MS: Ed. UFMG, 2017. PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Curriculo de Pernambuco 2021 – Ensino Médio . Recife: SEDE-PE, 2021. Organizador Curricular por bimestre Formação Geral Básica (FGB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano) Recife: SEDE-PE, 2022.

Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte – Tênis/taça Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Evidenciar os Princípios do Esporte Moderno, contextualizando com os conceitos de Esporte. Assim como, relacionar o futebol com a luta de classes e a influência do poder econômico na sociedade.
Conteúdos	Conceitos de Esporte e Princípios do Esporte Moderno. Aula 2: Princípios do Esporte moderno; futebol na atualidade; Luta de classes.
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	<p>1- Serão explicados os princípios do esporte moderno (a profissionalização, a mercantilização e a espetacularização), e como podem ser visualizados em esportes coletivos, tendo o futebol como exemplo principal. Também será um momento de escutar o que os/as estudantes conhecem sobre o futebol e a proximidade deles/delas com o conteúdo.</p> <p>2 – Os/as estudantes realizaram uma atividade de roleplay de bochinho. Eles/elas serão convidados(as) a dividirem-se em grupos de acordo com a habilidade que eles ensinam ter. De acordo com o nível, realizarão a atividade de Bobinho 4x2 ou 5x3, para utilizarem o passe e compreenderem a ideia de jogo em equipe. Esta atividade também servirá para que conheçam a bola de futebol e se adaptem a ela.</p> <p>3 – Os/as estudantes serão convidados(as) a reproduzirem o jogo de futebol como costumam praticar ou como já praticaram. A divisão dos grupos será mantida, com a quadra sendo dividida em espaços adequados para quantidade de grupos.</p> <p>4 – Será realizada uma roda de conversa sobre as dificuldades encontradas para praticar o futebol no cotidiano. A perda de espaços para construção civil ou transformação de espaços públicos para espaços pagos. Com isso, será realizada uma reflexão sobre a luta de classes na atualidade e a diminuição de espaços de lazer gratuitos, dificultando a prática de exercícios pelas classes mais pobres da população.</p> <p>5- Será realizada uma avaliação da aula. Discutidos os pontos fortes e fracos da vivência e as dúvidas sobre os temas abordados.</p> <p>Quarta polissportiva, três (03) bolas de futsal, cones.</p>
Recursos didáticos	Quarta polissportiva, três (03) bolas de futsal, cones.
Avaliação	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de uma roda de conversa, (debate) no fechamento da aula. Será explicitada a relação do futebol com a luta de classes, direcionando o debate com os/as estudantes através de perguntas sobre o tema.
Referências	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2017. COLETTIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física . São Paulo: Cortez, 2012. FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade . São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país . São Paulo: Contexto, 2009. MALINA, A. <i>et al</i> . Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte . Campo Grande, MS: Ed UFMS, 2017. OLIVEIRA, R. F. C. O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra . Recife: 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPEUFPB, 2013. O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural nas escolas inglesas. Recife: 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPEUFPB, 2017. PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Curriculo de Pernambuco 2021 – Ensino Médio . Recife: SEDE-PE, 2021. _____. Organizador Curricular por bimestre Formação Geral Básica (FSB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano) . Recife: SEDE-PE, 2022.

Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte Temática: Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Contextualizar a origem do Futebol moderno, exemplificando com jogos que o antecederam, explorando a relação do Futebol com o Rugby . Assim como, trazer aspectos da Luta de classes no surgimento do Futebol em meio às classes econômicas mais privilegiadas financeiramente.
Conteúdos	Origem do Futebol Moderno. Aula 3: Origem do Futebol moderno; primeiros passos do Futebol; Luta de classes.
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Será explicado como surgiu o futebol e o contexto social da época na Inglaterra. Será exibido um vídeo curto com uma reportagem do Esporte Espetacular sobre o surgimento do futebol. Será tratada também a existência de jogos que antecederam o futebol. 2 – Os/as estudantes realizarão uma atividade introdutória de caça às filas que serão fixadas nas costas de cada. A brincadeira será finalizada quando todas as filas forem capturadas, restando apenas uma. A atividade poderá ser repetida por algumas vezes até que seja totalmente compreendida pelos/pelas estudantes. Variação de captura das filas em equipes, de acordo com as cores. 3 – Será realizada uma partida adaptada misturando o futebol com o Rugby. As filas serão utilizadas como forma de impedir a progressão (tirou a fila, a posse da bola é retomada. As balizas serão utilizadas como meta para pontuar. 4 – Será realizada uma roda de conversa sobre como era o jogo que antecede o futebol e a impressão dos/das estudantes sobre ele e em relação ao Rugby. Como eles/elas verificam a divisão entre os dois esportes e das regras. Será discutida mais uma vez a luta de classes e o domínio das regras do futebol e do esporte em si pela população com maior poder econômico, na época. Além disso, será questionado se isso foi modificado com o passar do tempo. 5- Será realizada uma avaliação da aula. Discutidos os pontos fortes e traços da vivência e as dúvidas sobre os temas abordados.
Recursos didáticos	Quadra poliesportiva; bolas de futsal, cones, filas adesivas coloridas.
Avaliação	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de uma roda de conversa (debate) no fechamento da aula. Será explicitada a relação do futebol com a luta de classes, evidenciando o surgimento em meio às classes econômicas mais privilegiadas financeiramente, direcionando o debate com os/as estudantes através de perguntas sobre o tema.
Referências	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. COLETTIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012. FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. MALINA, A. <i>et al</i> . Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017. OLIVEIRA, R. F. C. O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra. Recife: 178 T. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPE, 2013. O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas. Recife: 264 T. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPE, 2017. PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Currículo de Pernambuco 2021 – Ensino Médio. Recife: SEDE-PE, 2021. _____. Organizador Curricular por bimestre Formação Geral Básica (FGB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano). Recife: SEDE-PE, 2022.

Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte Tema/Tópicos: Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Identificar os Esportes Coletivos de Invasão, utilizando o futebol como exemplo, tratando sobre a dinamicidade/ adaptabilidade das regras do futebol. Com isso, será abordada a evolução do futebol, relacionando-o com os grandes espetáculos e os Mundos do trabalho.
Conteúdos	Dinamicidade e adaptabilidade das regras do futebol e a influência nas mudanças deste esporte. Aula 4: Evolução das regras do futebol / mundo dos trabalhos.
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Serão explicadas as regras do futebol e como elas foram sendo modificadas. Serão explicadas as regras mais importantes para o andamento de um jogo. Com isso, será abordada a importância da Copa do Mundo e dos megaregistros para a mudança das regras. 2 – Os/as estudantes realizaram a atividade "proteja sua beiriga". Todos receberam uma beiriga e um barbante. Em seguida, serão instruídos a encher as beirigas e amarrarem no calcamar. Será dito que vencerá a brincadeira quem permanecer com a bola cheia e que cada um deve proteger sua bola (sem pegá-la com as mãos). Serão marcados cinco minutos. Ao final, será perguntado sobre qual a orientação dada pelo professor e mencionado que não foi dito que eles deviam estourar as bolas dos demais. Isso provocará nos/as estudantes a reflexão sobre a importância de entender e estar atentos(as) às regras do futebol e demais esportes. 3 – Na sequência a quadra será dividida em dois campos de jogos e os/as estudantes serão orientados(as) a realizarem um jogo de futebol, utilizando as regras ditas no início em sua totalidade. Será observado pelo professor aspectos táticos utilizados pelos/as estudantes. 4 – Será realizada uma roda de conversa sobre como as regras mudam e o motivo delas mudarem. O debate será estimulado para entrar no contexto da Copa do Mundo que começará na próxima semana e a relação dos mega-eventos com os trabalhos gerados. Com isso, será distribuído um texto de G1 para os/as estudantes lerem sobre indícios de escravidão moderna na Copa do Catar. 5- Será realizada uma avaliação da aula. Discutidos os pontos fortes e fracos da vivência e as dúvidas sobre os temas abordados. <p>Quadra poliesportiva; bolas de futsal, cones, beirigas de festa, papel e impressora (para texto de apoio).</p>
Recursos didáticos	
Avaliação	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de uma roda de conversa (debate) no fechamento da aula. Será explicitada a relação do futebol com os Mundos do trabalho, evidenciando a adaptabilidade das regras e a relação com os grandes eventos e as oportunidades de emprego/exploração da mão de obra. Com isso o debate será direcionado com os/as estudantes através de perguntas sobre o tema.
Referências	<p>BRASIL. Ministério da Educação. <i>Base Nacional Comum Curricular</i>. Brasília: 2017.</p> <p>COLETIVO DE AUTORES. <i>Metodologia do Ensino de Educação Física</i>. São Paulo: Cortez, 2012.</p> <p>FRANCO JUNIOR, H. A. <i>Dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.</p> <p>GUTERMAN, M. O. <i>Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país</i>. São Paulo: Contexto, 2009.</p> <p>MALINKA, A. et al. <i>Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte</i>. Campo Grande, MS: Ed. UFGMS, 2017.</p> <p>OLIVEIRA, R. F. C. <i>O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra</i>. Recife: 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, 2013.</p> <p>O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas. Recife: 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, 2017.</p> <p>PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. <i>Curriculo de Pernambuco 2021 – Ensino Médio</i>. Recife: SEDE-PE, 2021.</p> <p>Organizador Curricular por bimestre Formação Geral Básica (FGB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano). Recife: SEDE-PE, 2022.</p>

Plano de aula – nº 5

Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte Tema: Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Identificar as ações de ataque e defesa nas Modalidades Esportivas Coletivas, evidenciando a conservação de posse de bola (ataque) e a recuperação da bola (defesa). Com isso, serão abordadas mudanças táticas do futebol e as funções dos/das atletas em campo. Com isso, será provocada uma discussão em relação ao racismo, contextualizada pelas posições em campo e de poder na sociedade por pessoas negras.
Conteúdos	Ações de ataque e defesa nas Modalidades Esportivas Coletivas de Invasão. Aula 5: Ações de ataque e defesa (parte 1) / Racismo.
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	1 – Serão explicadas as ações de ataque e defesa de acordo com a estrutura funcional da Modalidades Esportivas Coletivas (MEC) nos esportes de Invasão, consequentemente no futebol. A conservação da posse de bola (ataque) e a recuperação da bola (defesa) serão os temas principais. Com isso, as oportunidades surgidas através de um jogo coletivo serão relacionadas ao racismo na sociedade. A mudança de como o futebol brasileiro era visto em 1950, após a perda da Copa do Mundo e os ataques a jogadores negros, principalmente Barbosa. 2 – Os/as estudantes serão divididos em quatro grupos. Com o campo dividido em duas partes, as equipes tentaram manter a posse de bola, em dois jogos simultâneos. Ao fim do tempo, a equipe que tiver conseguido trocar uma sequência maior de posse de bola. 3 – Na sequência as equipes serão transformadas em apenas duas. Com a quadra marcada em três zonas, as equipes ficaram com estudantes em cada uma das zonas de campos. O jogo transcorrerá com mudanças de função. Será verificada a necessidade de usar mais de uma bola para que os estudantes não fiquem com tempo ocioso. 4 – Será realizada uma roda de conversa sobre como conservação da posse de bola (ataque) e a recuperação da bola (defesa) são importantes para o jogo. Será exposta a evolução do jogo e a evolução do jogo de posição, levando em consideração a mudança no futebol brasileiro após a derrota na copa de 1950. Com isso, será colocado o racismo sócio pelo goleiro Barbosa. Após colocação dos/as estudantes, será trazida a diferença entre injúria racial e racismo e os dados sobre casos de racismo publicados no Relatório anual da Discriminação Racial no Futebol. 5- Será realizada uma avaliação da aula. Buscando verificar o entendimento dos estudantes sobre a importância de manter a posse de bola e de buscar recuperá-la. Além disso, entender a importância de debater o racismo através do esporte. Quadra poliesportiva, bolas de futsal, cones.
Recursos didáticos	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de uma roda de conversa (debate) no fechamento da aula. Será explicitada a relação das mudanças táticas no futebol e a posição em campo dos jogadores com o racismo na sociedade brasileira. Com isso o debate será direcionado com os/as estudantes através de perguntas sobre o tema.
Referências	BRASIL. Ministério da Educação. <i>Base Nacional Comum Curricular</i> . Brasília, 2017. COLETIVO DE AUTORES. <i>Metodologia do Ensino de Educação Física</i> . São Paulo: Cortez, 2012. FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. MALINA, A. <i>et al</i> . <i>Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte</i> . Grupo Grande. MS: ED UFRMS, 2017. OBSERVATÓRIO D. R. F. Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021. Observatório da Discriminação Racial no Futebol. DA UFRGS. 2022. 181 p. 14-108 . 8º Relatório da Discriminação Racial no Futebol. OLIVEIRA, R. F. C. O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra. Recife: 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPEB, 2013. O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas. Recife: 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPEB, 2017. PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. <i>Curriculo de Pernambuco 2021 – Ensino Médio</i> . Recife: SEDE-PE, 2021. Organizador Curricular por bimestre Formação Geral Básica (FGB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano). Recife: SEDE-PE, 2022.

Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte Temática: Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Identificar as ações de ataque e defesa nas Modalidades Esportivas Coletivas, evidenciando os conceitos de ataque (amplitude, mobilidade, profundidade e improvisação) e defesa (reatamento, equilíbrio numérico, compactação e controle). Com isso, a partir das ações individuais, será possível verificar as habilidades individuais dos/as estudantes para debater sobre o machismo e espaço das mulheres no futebol.
Conteúdos	Ações de ataque e defesa nas Modalidades Esportivas Coletivas de Invasão (conceitos)
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	Aula 6: Ações de ataque e defesa (parte 2) / Futebol de mulheres e machismo. <ol style="list-style-type: none"> 1 – Serão explicados os conceitos de ataque (amplitude, mobilidade, profundidade e improvisação) e defesa (reatamento, equilíbrio numérico, compactação e controle). Com isso, serão debatidas variações táticas e ações técnicas de jogos da Copa do Mundo. 2 – Como forma de perceber a semelhança entre futebol e outros esportes coletivos, os/as estudantes serão convidados a realizar um jogo de handebol apenas em um lado da quadra e utilizando uma barra. Será um jogo de defesa contra-ataque, no formato de barminhas. Cada grupo usará um lado da quadra. 3 – Na sequência as equipes serão mantidas e realizarão um jogo de ataque/defesa, revezando de acordo com o tempo as funções dos grupos. Continuarão usando apenas uma barra e um lado do campo de jogo. 4 – Será realizada uma roda de conversa sobre os conceitos de ataque e defesa foram percebidos pela turma. Com isso, a habilidade de alguns/algumas estudantes será colocada em foco e os motivos para isso. Além da maior frequência da prática de handebol por meninas, dessa forma, será iniciado um debate sobre o futebol de mulheres e a evolução do esporte entre elas. 5 – Será realizada uma avaliação da aula. Buscando verificar o entendimento dos estudantes os conceitos de ataque e defesa, além da utilização nos jogos. Além disso, a percepção do avanço do futebol de mulheres. <p>Quadra poliesportiva, bolas de futsal, cones.</p>
Recursos didáticos	
Avaliação	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de uma roda de conversa (debate) no fechamento da aula. Será explicada a relação das potencialidades individuais no futebol e as oportunidades para homens e mulheres na sociedade, evidenciando o machismo da sociedade brasileira. Com isso o debate será direcionado com os/as estudantes através de perguntas sobre o tema.
Referências	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2017. COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física . São Paulo: Cortez, 2012. FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade . São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GUTERMANN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país . São Paulo: Contexto, 2009. MALINA, A. et al. Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte . Campo Grande, MS: Ed. UFMMS, 2017. OBSERVATORIO D. R. F. Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021 . Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Museu da UFRGS, Porto Alegre. Muse da UFRGS, 2022. 181 p. https://doi.org/10.15408/2022.181p . OLIVEIRA, R. F. C. O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra . Recife: 178 f. Dissertação. (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física (PEU/UFPE), 2013. O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas . Recife: 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física (PEU/UFPE), 2017. PERNAMBUCCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Currículo do Pernambuco 2021 – Ensino Médio . Recife: SEDE-PE, 2021. _____. Organizador Curricular por Bimestre Formação Geral Básica (FGB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano) . Recife: SEDE-PE, 2022.

Plano de aula – nº 7	
Identificação	Disciplina: Educação Física Conteúdo: Esporte Temático: Esportes Coletivos de Invasão (Futebol/Futsal)
Objetivos	- Identificar as ações de ataque e defesa nas Modalidades Esportivas Coletivas, evidenciando os conceitos de ataque e defesa, jogo individual e coletivo. Com isso, serão debatidas a improvisação e a habilidade técnica e tática individual. Com isso, será feita uma ligação entre as individualidades do capitalismo e a ideia de coletividade do socialismo, assim como a influência da democracia neste processo.
Conteúdos	Ações de ataque e defesa nas Modalidades Esportivas Coletivas de Invasão (conceitos). Aula 7: Ações de ataque e defesa (parte 3) // Futebol e democracia.
Procedimentos didáticos metodológicos de Ensino	1- Serão explicados os conceitos de ataque e defesa, jogo individual e coletivo. Com isso, serão debatidas a improvisação e a habilidade técnica e tática individual. Será feita uma ligação entre as individualidades do capitalismo e a ideia de coletividade do socialismo, assim como a influência da democracia neste processo. 2- Será realizada uma progressão do número de participantes dos duelos. 1x1, 2x2, 3x3 e 4x4. 3- Será realizada uma roda de conversa sobre a importância da individualidade e coletividade nas ações de ataque e defesa, assim como as funções táticas. Serão expostos os exemplos do futebol total da Holanda em 1974 e a Democracia Corinthiana, gerando uma discussão de como a política e a democracia estão inseridas no futebol. 4- Será realizada uma avaliação da aula, buscando verificar o entendimento dos estudantes os conceitos de ataque e defesa, além da utilização nos jogos. Além disso, a presença da democracia e da política no futebol. Quadrá poliesportiva; bolas de futsal, cones.
Recursos didáticos	
Avaliação	O processo de Avaliação específico desta aula ocorrerá por meio de uma roda de conversa (debate) no fechamento da aula. Serão explicitadas as relações de individualidades e coletividades do futebol, evidenciando as potencialidades de ações coletivas e individuais na sociedade, assim como a relação com a democracia e a política. Com isso o debate será direcionado com os/as estudantes através de perguntas sobre o tema.
Referências	BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. COLETTIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Contexto, 2009. GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2017. MALINA, A. et al. Metodologia crítica para o ensino do esporte. Campo Grande, MS: Ed. UFMG, 2017. OLIVEIRA, R. F. C. O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra. Recife: 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UFPE/PPB, 2013. O ensino do esporte no programa Inspiração Internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas. Recife: 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UFPE/PPB, 2017. PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Currículo de Pernambuco 2021 – Ensino Médio. Recife: SEDE-PE, 2021 _____. Organizador Curricular por bimestre Formação Geral Básica (FGB) de Educação Física no Ensino Médio (1º ano / 2º ano). Recife: SEDE-PE, 2022.